

# Stadium

N.º 130 ★ 30 DE MAIO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



**PORTUGAL-SUIÇA** A caminho da baliza portuguesa, Friedlander conduz a bola velozmente. Amaro procura cortar a avançada, músculos retesados e máscara a traduzir a energia posta na luta. Em segundo plano, Francisco Ferreira marca Andreoli, médio-centro suíço e o melhor jogador do seu «team».

# O comportamento do grupo português de futebol dentro e fora do campo do jogo

Crónica de TAVARES DA SILVA

**D**E volta da Corunha — eu sossegara. O meu espírito encaminhava-se para outros destinos. A bola deixava-me um intervalo. Aproveitava-o. Um pouco mais tarde faria serenamente a revisão do Portugal-Espanha, a verdadeira revisão do *team* nacional, apontando qualidades e defeitos num plano a adoptar. Eis senão quando me chega a notícia por parte da Federação: *Temos de ir à Suíça. Melhor, vamos à Suíça. O Tavares enfrente a situação e resolve.*

Não havia tempo para nada. Se, no tocante a Espanha, tudo se passara rapidamente, agora tratava-se de uma questão de horas. O motor do avião que nos havia de conduzir já se ouvia!

Nem treinos. Nem qualquer complemento de preparação, de ordem física ou técnica. As condições é que faziam brotar a lei, na necessidade evidente de atender às coisas materiais, como passaportes e licenças.

Isso ditara a seguinte orientação, já traçada: constituir a selecção para a Suíça com onze elementos extraídos do mesmo bloco apresentado na Corunha. Todavia, o reconhecimento de que o *conjunto interior* não correspondia às exigências do *team* e à ideia de eficácia que deve constituir o fundo de todas as equipas que não tenham como exclusivo pensamento jogar bem, mas ainda vencer, levou-me a jantares ao lote am modelo de energia e entusiasmo, atento às *deixas* em frente das rédes: Teixeira, do Benfica. Sacrificando-se deste modo a habilidade e o jogo artístico à orientação da eficiência, à possível marcação de bolas! Até que ponto está decisão foi justa, ou inteligente, e em conformidade com as realidades do futebol português?

O certo é que, com Pedro ou com Paulo, em Espanha ou na Suíça, notou-se a mesma doença, e bem pode ser que a culpa não seja nem dos seleccionados nem do seleccionador, mas tão somente do próprio sistema do jogo de ataque.

Por outro lado, a linha média representava um problema a rever cuidadosamente. Moreira, excelente jogador na passagem aos avançados, precisa e bem dada, revelara certa imperfeição no plano da marcação contra Espanha, obrigando ao recurso da sua passagem para a asa. Na verdade, este problema só foi resolvido quasi à hora do encontro de Bâle. Tal como se encontrava o terreno, empapado da chuva, contra um adversário corpulento e sólido, decidi-me por Barrosa, médio-centro de tipo atlético, incansavelmente batalhador, tanto assim havendo necessidade de fugir ao centro do terreno, a faixa de campo melhor policiado, jogando pelos extremos, de preferência, e em passos largos, isto é, num jogo exigindo força muscular.

Perdemos. Mesmo quando se ganha — quanto mais quando se perde! — há sempre margem para hipóteses variadas e para se afirmar que, desta e daquela maneira, seria melhor... Revendo agora a partida, a uma semana da luta, seria eu o primeiro a fazer o *mea culpa* se topasse erros na organização do conjunto e na elaboração do jogo apresentado em Rancof. Ao contrário, posso afirmar tranquilamente que, de momento e tendo em vista as condições de realização, não se podia elaborar uma selecção mais perfeita e um grupo que melhor jogasse — prova de que o plano de *association* também era o mais indicado. Posso afirmar. Tenho a consciência sossegada. Não se cometeram erros de selecção, nem de organização, nem de plano futebolístico.

## O acolhimento e a beleza da Suíça. Fontes de discordância entre portugueses e suíços.

Quero dar uma ideia não somente do grande encontro de Basileia mas ainda da admirável excursão feita pela selecção portuguesa, comprindo desta forma um dever de gratidão para com os suíços, que nos dispensaram o melhor acolhimento e as mais agradáveis atenções, em todos os momentos. Todos foram muito amáveis. Mas o dr. Käser, secretário geral da Federação Suíça, aquele que esteve mais em contacto com o grupo português, merece um lugar à parte. Foi um excelente camarada, chegando a brincar com os jogadores, despreocupadamente. No alto de Rigi, em Kalm, a 1.500 metros de altitude, travou-se entre ele e os seleccionados uma batalha de neve que terminou vitoriosamente para as nossas cores — pela força do número dos combatentes.

O avião gastou no percurso Lisboa-Genebra cerca de seis horas. A cidade, vista do ar, constituía um deslumbramento. Tão linda e tão bela. Um autêntico jardim, com casinhas de cores sóbrias, muito bem alinhadas, um conjunto deveras acolhedor. Toda a Suíça, com seus verdes muito verdes e a neve muito branca, os lagos tranquilos e sombreados semeados de vilas e praias, e uma população afável e pacífica, é um encanto. Os olhos nunca se cansam de contemplar os longes, os recortes das montanhas e a maravilha da Natureza. Há trechos de sonho, cenários poéticos que têm qualquer coisa de irreal!

No dia seguinte ao da nossa chegada, sexta-feira, partimos para Basileia, com paragem em Neuchâtel, uma deliciosa cidade caracteristicamente suíça, sede da Federação de Futebol. Almoçámos numa praia encantadora. Os rapazes conquistaram um êxito, nadando e

em vãos para a água. Em terra, Espírito Santo deixara os suíços espantados com os seus saltos. Teixeira, bom companheiro, era o alvo das brincadeiras gerais. Francisco Ferreira, Amaro e Espírito Santo nunca o deixavam sossegado.

Basileia é uma cidade antiga, conservando orgulhosamente os seus costumes. Recebeu-nos de braços abertos. No sábado demos o mais belo passeio da nossa vida, através do lago dos Quatro Cantões, por Lucerna, Vitznaa, Rigi-Kaltbad, Rigi-Kalm e Goldan. Saímos de manhã, depois de uma leve sessão de treino, e regressámos ao cair da noite, num crescente deslumbramento. Vivemos uma vida de beleza, num dia magnífico de sol, vendo perpassar montanhas debruçadas sobre os lagos imensos, como que enamoradas da água, em trechos e panoramas sempre mais belos uns que os outros.

No domingo, antes do desafio, não saímos praticamente do hotel. Só respirámos fôdo na segunda, depois do jogo. Os rapazes aproveitaram, então, o melhor possível, a folga que lhes foi dada. E aproveitaram-na bem. Logo no outro dia, de manhã, encaminhámo-nos para Genebra, a fim de iniciarmos na quarta-feira, ao alvorecer, a viagem de regresso, por França, com paragem em Lião e Cêrbère, e por Espanha, com um dia em Barcelona e algumas horas em Madrid, a tempo de agarrarmos o Lusitânia-Expresso de sábado último.

Deve dizer-se que a viagem, dadas as dificuldades actuais em matéria de transporte, foi ótima. Uma ou outra dificuldade não influiu no ânimo dos jogadores — que compreenderam perfeitamente a situação. A viagem não podia ser mais bem organizada pelos dirigentes; pôsto de lado o avião pelo seu elevadíssimo custo. Em toda a excursão reinou sempre a mais para camaradagem. Dezassete jogadores — dezassete amigos. O jogador português tem hoje a compreensão dos seus deveres.

Julgo ter vincado bem a forma como fomos recebidos. Registaram-se, no entanto, dois pontos de discordância entre suíços e portugueses: um deles referente às substituições (no fim e ao cabo vingou a ideia da substituição do guarda-rédes e de outro jogador durante todo o desafio; decisão providencial em vista da lesão de Feliciano); o outro dizendo respeito ao fardamento. Os suíços teimavam em jogar com a sua camisola encarnada, tendo sido necessária a intransigência portuguesa para resolver o caso. E' velho hábito e uma questão de delicadeza, em caso de confusão de *equipe*, dar ao visitante o direito de conservar as suas cores. Isto só demonstra que o *interesse* sobrepõe-se a todos os outros sentimentos, mesmo nos povos mais adiantados. Ah! Já me esquecia. Também nos foi proibido o treino no campo do jogo.

## Ataque português — fogo de artifício

A crítica do jogo está feita. Os comentários essenciais já foram ditos. Cabe-me, no entanto, dar uma ideia de como jogaram os portugueses. Quere dizer, os traços fundamentais da partida de Basileia.

Temos hoje uma *unidade* que vale tudo quanto pesa. Refiro-me a Peyroteo. Ele tem o condão de desorganizar o sistema do antagonista. Já se sabe que o plano do adversário se baseia na anulação do avançado-centro português, uma anidade temida em todos os campos do estrangeiro.

Daqui tentar-se o jogo pelos extremos, chamando a terreno os médios e os próprios defesas contrários. Vantagens: transporte de bola mais fácil e possibilidade de descongestionar o centro do campo, libertando um elemento tão perigoso e eficiente como Peyroteo. Conseguido isto, seria em seguida fácil progredir pelo centro do terreno.

Como decorreu o jogo? — Como estava previsto. Os médios lançaram magnificamente os jogadores colocados nas asas do sistema, os quais transportaram a bola em colaboração com os interiores. Estes, a seu turno, beneficiaram da orientação suíça, jogando um pouco à vontade e com tempo suficiente para analisarem a posição do adversário e resolverem o problema do jogo da forma mais conveniente.

Deve ainda frisar-se, por ser verdade, que o *team* português revelou uma coesão profunda, manifestada nitidamente na conjugação de esforços. Era bem um *team* que se encontrava em campo, todo ao ataque, ou todo à defesa, nos variados e múltiplos golpes da partida. Uma máquina funcionando sem atritos. Os seleccionados produziram um jogo maravilhoso de passes, qual renda de bilros, todo graça e espírito, com inspiração e lances de concepção genial, dominando a bola com rapidez diabólica, e colocando-a onde queriam. Foi assim durante muito tempo. Foi assim durante mais de uma hora! Iludindo a cerrada marcação dos suíços, dava gosto ver os portugueses trabalharem até à entrada da grande área. Ai, porém, o jogo não era completado, nem a finalidade atingida. Havia sempre mais um passe do que o necessário, mais um *dribling*, uma pequena demora, e todo este longo tempo de domínio se passava sem se marcarem bolas. Um crítico suíço designou o jogo português de ataque por *fogo de artifício* e a imagem dá bem a ideia do que se pretende exprimir.

Porque a nossa defesa, vista em conjunto, teve um comporta-

mento notável. Cada um desempenhou-se da missão que lhe tinha sido confiada — excedendo-se. Durante a hora e meia, estes homens jogaram estupidamente, não só inutilizando a ligação adversária, e as suas tentativas ou reacções, como ainda alimentando e reforçando o ataque português, de modo a criar a sua superioridade no terreno.

Que há-de dizer-se de uma defesa que, durante hora e meia, só teve um descaído ou uma desatenção? Mesmo que tal desatenção tenha custado um *goal*, e não indico o actor da omissão ou distração por estar a apreciar a defesa em bloco, e é isso no fundo o que interessa, não pode concluir-se senão o seguinte: a defesa campria o seu dever. Admirável conjunto que, em noventa minutos, só cometeu um erro. Que mais se pode exigir?

Não perdemos por causa de jogo defensivo. É certo que este deixou entrar um *goal*, mas isso não interessa tal como as coisas se passaram. Perdemos, porque o ataque esteve uma hora dentro da grande área, por assim dizer, com o *team* todo a meio campo, criando situações, para não as aproveitar convenientemente. Que há-de fazer-se nestas circunstâncias? Pois não é certo que os desafios se ganham marcando bolas? Esta impotência de remate chega a ser allitativa. Estamos em erer que ela é uma resultante do nosso sistema de ataque. Que, portanto, se deve basear mais a fundo o mal para se lhe encontrar remédio. Seja como for — isto não pode continuar. Deve dar-se mais profundidade ao nosso ataque. Não podemos continuar a dominar — e a perder. Praticando o *fogo de artifício*, que encanta a vista, mas que rebenta todo no ar. É preciso também fazer *goals*.

## Jogo calmo e reflectido — A fleugma suíça

Os suíços sabem jogar a bola, praticando um futebol muito diferente do nosso. Já disse várias vezes que os homens espalham em campo as suas qualidades. Nos desafios internacionais pode surpreender-se o temperamento de um povo, e as suas qualidades e defeitos, vendo os jogadores em acção.

Os suíços são lentos na acção pela necessidade de estadarem a jogada, com serenidade, executando-a depois da melhor forma possível. Tudo é devidamente ponderado. A bola não vai para um sítio ao acaso. Os portugueses compreendem a situação num momento. Os suíços levam mais tempo a entender o que se passa e a avaliar o modo de tirar proveito do caso.

Um dos melhores críticos suíços apresenta-os assim, depois de se referir com encômios ao jogo brilhante dos portugueses:

*Diante de todo este esplendor, os suíços, vis-à-vis, faziam uma pobre figura. Em todo o caso, não enganavam ninguém. Não sabiam enganar. Mostravam-se tal qual são. E não são belos. Lentos, pesados, muitas vezes desastrados, tinham o ar de campônios em face de príncipes de sangue. Somente, voilá, sentia-se que tinham qualquer coisa no ventre, um não sei quê que se via na sua placidez e uma espécie de fleugma que revelava um ar terrivelmente resoluto.*

O retrato é perfeito. Sob o ponto de vista técnico, há ainda a acrescentar que os suíços têm o segredo da posição no terreno. Sabem perfeitamente o sítio onde se devem colocar para tornar a vida difícil ao adversário. Este tem a noção de que há sempre um obstáculo a vencer. Os suíços praticam o jogo de marcação, excelentemente.

Outro pormenor de grande mérito é a forma como progredem no terreno com a bola nos pés, cobrindo esta com o corpo e tornando assim muito difícil a sua disputa, dando que o adversário se encontra em condições de luta manifestamente inferior.

O grupo suíço, em conjunto, revela-se muito bom sob o ponto de vista físico e técnico, sendo o seu principal defeito (talvez a sua característica) a lentidão na execução. Todos fortes; defesa mais sólida que os restantes. Médios, especialmente o centro, científicos. Avançados de linha magnífica, e *shof* forte e colocado.

## O "goal" resultou de uma jogada consagrada

A constituição do *team* suíço era curiosa. Karl Rappan, o seleccionador, adoptou uma fórmula mista: escolheu dos melhores valores, não perdendo de vista a homogeneidade. É assim que nos aparece a parelha defensiva do mesmo clube, o Cantonal de Neuchâtel, e o trio de ataque de outro clube, o Grasshoppers.

Este trio entende-se às mil maravilhas, tendo conquistado o triunfo numa jogada estadada e curiosa, várias vezes posta em prática pelos três referidos elementos.

O lance do *goal*. A jogada consiste, fundamentalmente, nos *cantos* ou nos *livres* perto da grande área, em alirar a atenção do adversário para certo ponto, deixando livre o virtuosismo do interior-esquerdo, Friedlander.

Perdemos — nam detalhe, Barrosa entrou ao adversário, espectacularmente, em falta. Não fazendo mocha, cometeu apenas uma infracção. Bickel marcou o castigo, e três jogadores suíços postaram-se para a esquerda, mais ou menos no lugar do interior esquerdo, colocando-se Friedlander, isolado, como que desatento ao

que se passava, no terreno do interior-direito. A sua intervenção foi rápida e brilhante. Quando os portugueses esfregaram os olhos, vendo o perigo, já a bola, fazendo tabela na bota de Friedlander, se tinha antichado nas rédes.

Eis como am jornalista helvético descreve o lance da vitória: *Bickel, muito à direita, executa o castigo. Tira-o como o faz no Grasshoppers, segundo uma fórmula consagrada. A bola seguiu a meia altura, pela frente das rédes portuguesas, como um gentil presente ao «keeper». Mas a combinação estava feita. Então, Friedlander saltou no bom momento, apoderou-se da bola nas barbas do guarda-rédes e enfiou-a nas rédes. O Iruque resultou à maravilha.*

Quere dizer, perdemos devido a um *livre*, ou a uma jogada estadada e consagrada, depois de dominarmos durante muito tempo, criando oportunidades sobre oportunidades. Pois não será de descrever do futebol de ataque português!

## Amaro, ou a fibra de um grande jogador "Team" fisicamente apto

Já fiz no «Diário de Lisboa» referências detalhadas à acção dos jogadores. Não vou repeti-las. De resto, as opiniões convergem. Quero salientar agora um facto que revela a fibra de um grande jogador — Amaro, do Belenenses.

Cheguei a temer que o médio-direito de Belém não pudesse alinhar, devido a uma rotura muscular na perna direita. Logo que chegou Manuel Marques, o massagista, as suas mãos obraram prodígios. A segunda massagem, Amaro encontrou-se melhor e as nossas dúvidas desvaneceram-se. E manido de um elástico no sítio necessário, Amaro foi para o campo. Como ele jogou — já todos o sabem. Com a ciência que lhe é característica, o maior dos entusiasmos, nunca fagindo à lata nem se importando com as dores físicas.

Em certo momento, porém, o conhecido jogador foi atingido por um pontapé na outra coxa, e o golpe produzia-lhe nova rotura.

Era para desanimar! Muitos teriam certamente abandonado o campo. Amaro vacilou. Disse a Cardoso o que se passava — para ele redobrar de atenção. Mudou o elástico para a outra perna. E foi um momento. Lançou-se novamente à luta, sem um desfalecimento, demonstrando a sua fibra de grande jogador — e de tal modo que a lesão passou despercebida de quasi todos, e principalmente do adversário. Pela minha parte, camprio um dever dando a conhecer o facto. A fibra maravilhosa de um grande jogador.

Fisicamente — o *team* mostrou forças. Os jogadores suportaram perfeitamente o esforço da hora e meia e os portugueses não ficaram a perder no choque do corpo-a-corpo, ainda que alguns suíços fossem demasiadamente altos e fortes. Pois os nossos peccenos jogadores abalaram os eucaliptos! Quaresma, por exemplo, uma traca figura, mas um feixe de nervos e vontade de aço, bateu-se fisicamente com denodo, e devo declarar que na maior parte dos lances o adversário não ficou na melhor posição. Os homens não se medem aos palmas. A valentia também conta.

## A falta de remate. O comportamento social do grupo português

A falta de remate, eis o grande mal do futebol português! Mas então o nosso jogador não sabe «shotar» às rédes? — Não podemos optar pela negativa. Todos nos recordamos de belos remates de avançados portugueses. E' certo que o jogador português não tem grande força muscular nas pernas, e, regra geral, o seu pontapé é mais colocado do que forte. Mas esta falta de remate que tão vivamente se está a notar no futebol português, agora posta mais uma vez em relevo pela derrota de Basileia, resalta também do sistema adoptado no jogo de ataque. Banimos do nosso futebol a passagem linear ou em perpendicular, o caminho directo às rédes. Preferimos o jogo das curvas, que outra coisa não é a infinidade de passes triangulares. De sorte que, na hora da verdade, o jogador que vai rematar já está, momentaneamente, sem forças. Precisa de uma pausa de repouso. O esforço prolongado de passes e dos movimentos de desmarcação colocou o jogador em condições de inferioridade. O remate nunca é o que deveria ser. O mal tem de ser atacado. Vaisê-lo.

Não quero acabar esta crónica sem destacar o comportamento social do grupo português. Em todos os momentos e cerimónias, os jogadores demonstraram uma compostura que diz bem o papel desempenhado pelo desporto, neste capítulo. O operário portou-se tão bem como o estadante. O menos instruído como o mais culto. O *team* foi um grupo de homens apromado. Esse apromo impressionou vivamente os próprios suíços. Thoman, um dirigente que nunca nos abandonou, dizia-me convictamente no momento da partida:

*Eu queria pedir-lhe um favor. Diga aos seus jogadores que, acompanhando ou convivendo com teams há 17 anos, nunca vi um grupo comportar-se tão bem, socialmente à vontade, o que não exclui disciplina. Se eles reflectem a educação do vosso povo — as minhas felicitações.*

Realmente, durante toda a longa viagem não se verificou um deslize ou uma falta de atenção por parte do jogador português. Forte exemplar. Correção inexcusável. Escrevo estas palavras com alegria e orgulho. De seleccionador e de português.

## AS NOSSAS SEPARATAS

**ESTAMOS procedendo à impressão das primeiras fôlhas da original série de separatas com os emblemas dos clubes desportivos. Enquanto não iniciamos a sua inclusão no STADIUM, podemos anunciar aos nossos prezados leitores que outra MODALIDADE DE SEPARATAS, ABSOLUTAMENTE GRÁTIS, será eventualmente intercalada naquela:**

## A "BIBLIOTECA DA STADIUM"

trabalho vasto, do maior interesse, dividido em diversas séries, tais como historiografia e bibliografia desportiva, etc.

# Na SUÍÇA-país de maravilha...



1— O avião que, em seis horas, transportou a equipa nacional; 2 — Sorridentes Tavares da Silva e os seus «pupilos» acabam de chegar a Genebra; 3 — Em Basileia, no magestoso senado do cantão, o dr. Salazar Carreira profere a sua brilhante oração em impecável francês; 4 — Os quatro do Benfita passeiam satisfeitos pelas ruas de Basileia...; 5 — Os dois avançado-centro, Peyroteo e Amado, numa saudação afectuosa...; 6 — ...que se repete entre Espiito Santo e Aebv, dois dos pontos; 7 — A chegada a Genebra, Cardoso saúda pela rádio os desportistas da maravilhosa Suíça

2

5

4

7



1 — A par do espectáculo maravilhoso das neves, a Suíça oferece temperaturas amenas. Por isso a caravana portuguesa encontrou esta magnífica estância de turismo, onde apeteceu almoçar ao ar livre — e em mangas de camisa...; 2 — Feita a digestão do almoço, os jogadores fizeram algumas boas exibições dos seus dotes de nadadores. Eis como estão instaladas as magníficas piscinas que visitaram; 3 — Tendo por fundo os cumes eternamente nevados, dirigentes e jogadores foram fotografados — para recordação...; 4 e 5 — Duas defesas de Ballabio: Na primeira para deter uma bola alta, enquanto Steffen não larga Espírito Santo... Na segunda, vê-se mesmo todo o trio defensivo suíço em actividade, no momento em que Gygr auxilia Ballabio a opôr-se à acção de Espírito Santo. Steffen está de guarda a Peyroteo. Os suíços também fazem marcação...; 6 — Em Lisboa, finalmente, rodeados pelos eternos entusiastas do futebol.

# A EQUIPA NACIONAL

## conquistou de novo a "Taça de Ouro da Península"

**Castro Pereira e Correia Barrento**  
vencedores do "Grande Prémio" e da "Taça de Honra"

**D**URANTE a passada semana continuaram a disputar-se as provas do 34.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa, às quais concorreu uma forte equipa espanhola.

Como de costume, faremos rápida alusão às provas realizadas, talvez sucintamente mas procurando dar ao leitor idéias dos momentos culminantes de todas elas.

O segundo dia do Concurso foi de todos o mais fraco, quer porque se realizava uma só competição, quer ainda porque a chuva, que caiu momentos antes do seu início, lhe roubou assistência, que apareceu em reduzido número, embora seguisse com interesse a luta travada para o primeiro posto da classificação.

**Barros e Cunha, no «Jocosos», venceu a «Prova Nacional»**

A prova «Ministério da Economia», reservada unicamente a cavalos de coudelarias nacionais, reuniu 40 concorrentes e entre estes alguns que, pelas suas qualidades, já se consagraram como bons saltadores.

Percurso fácil, com 12 obstáculos à altura máxima de 1,30 m. para os cavalos sem «handicap», foi mais tarde aumentado, com mais dois saltos, para as montadas do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º «handicap» — e alguns deles mais elevados para os cavalos de maior nomeada.

O primeiro percurso sem faltas — só se verificaram seis — alcançou-o D. José de Bragança, no «Insinuante», mas o tempo — 1 m. 3 s. — foi batido depois por «Xarife», que Alves Pereira conduziu com desembaraço e que conservou a posição de favorito até quasi ao final da prova — até que «Paraqueidista», com Trigo de Sousa, saltando bem, se colocou à frente, no tempo de 1 m., 1 s. 2/5.

Estava escrito, no entanto, que não seria este o vencedor... O 1.º lugar alcançou-o Barros e Cunha, com um magnífico percurso do «Jocosos», em 59 s., que nem a «Inquiridora» conseguira bater se não tivesse sido penalizada com um derrube.

Os restantes «limpos» foram obtidos por «Ursus» e «Soberano», montados por Abrantes da Silva e Rangel de Almeida, mas é justo mencionar as boas provas de «Ebro» e «Inquiridora», que Fernando Cavaleiro e José Granate cavalgaram com a costumada regularidade, apesar de penalizados com 4 pontos.

**O espanhol Gavillán**  
1.º no «Percurso de Caça»

A segunda prova em que entravam os espanhóis deu-lhes a sua segunda vitória, mercê de uma actuação notável do comandante Marcelino Gavillán, que conduziu muito bem o cavalo «Beaujolaís». Teve, no entanto, pelo seu lado, o factor sorte, que concede muitas vitórias, pois a sua montada tocou em diversos obstáculos... sem os

derrubar! A «barreira de Spa», por exemplo, tremeu... mas ficou no seu lugar. Isto não desmerece o triunfo, que, repete-se, foi alcançado com mérito.

A prova de caça, denominada «Santo Huberto», tem as faltas transformadas em tempo e obriga sempre a boas velocidades de galope.

A d'este ano estava difícil. Formavam-na 14 obstáculos (19, se contarmos com os 3 duplos e o triplo) e era destinada aos cavalos que não tomassem parte na segunda prova do terceiro dia de Concurso.

O primeiro percurso, bem, rápido e seguro, arrancou-o a «Benguela», montada por Henrique Calado, em 1 m. 27 s. 2/5, mas «Gaza», conduzida por Fernando Pais, não tardou em melhorar o tempo para 1 m. 22 s. 2/5, ficando largo tempo à frente da classificação.

O 57.º dos sessenta e seis cavalos inscritos era o anglo-árabe «Beaujolaís», da equipa espanhola, montada por Marcelino Gavillán, a cujo percurso já nos referimos. A bandeira de Portugal cedeu o seu lugar e já era tarde para se alimentar a esperança de a ver de novo no mastro de honra. Os espanhóis ganhavam a sua segunda prova, ficando «Gaza» e «Benguela» nos lugares imediatos. De notar ainda o bom percurso de «Abanão», com Vasco Cordeiro.

**Guedes de Campos, no «Raso», triunfou na «Turf-Club»**

Foi emocionante a disputa da taça «Turf-Club», marcada a fechar o 3.º dia de provas, visto que logo a partir do primeiro percurso a bandeira espanhola subiu no mastro de honra, devido a uma prova rapidíssima de «Liebana», com Marcelino Gavillán, a confirmar o seu valor e o do seu cavaleiro.

No entanto, «Raso», muito bem conduzido por Guedes de Campos, não se deixou bater — e com um percurso magnífico, colocou-se à frente da classificação, derrotando o espanhol por 4 segundos e alcançando uma boa vitória. Mais ninguém bateu o tempo de Gavillán. Apenas Henrique Calado o igualou, ficando, no «Zuari», em 2.º lugar «ex-aequo».

Em 4.º lugar classificou-se Travassos Lopes, no «Académico», ainda com um percurso sem faltas, seguido de «Ebro», «Jocosos», «Congo» e «Vouga», conduzidos por Fernando Cavaleiro, Barros e Cunha, Reimão Nogueira e Mena e Silva, este depois de uma queda aparatosa na pista de ensaio.

A vitória de Guedes de Campos arrancou fortes e justos aplausos.

A taça «Turf-Club» será atribuída ao cavaleiro que triunfar dois anos seguidos ou três alternados. No ano anterior — primeiro em que se disputou — venceu António Spínola, actualmente nos Açores.

O percurso era formado por 12

obstáculos, com um «pendish» a 1,40 m., e teria de ser coberto no galope de 350 metros por minuto.

**Portugal conquistou a «Taça de Ouro da Península»**

Na presença dos srs. Sub-Secretário de Estado da Guerra, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Director Geral de Desportos, e de numeroso público, a equipa representativa da cavalaria portuguesa conquistou, com muito brilho, pela quarta vez consecutiva, a «Taça de Ouro da Península», entre Portugal e a Espanha.

As equipas entraram em pista com a seguinte constituição: *Espanha* — Hector Vasquez, no «Batato»; Garcia Fernandez, na «Palomera»; Marcelino Gavillán, na «Liebana»; e Luis Ponte, no «Answer del Tajo». *Portugal* — Helder Martins, no «Xerez»; Guedes de Campos, no «Raso»; Correia Barrento, no «Paio»; e Henrique Calado, no «Zuari».

Prova difícil — bastante difícil — estava formada por 12 obstáculos à altura máxima de 1,40 m., entre os quais alguns duplos e um triplo, devendo cada cavalo fazer duas vezes o mesmo percurso, uma em cada mão.

No fim da primeira volta a equipa portuguesa ficou à frente da classificação, embora a diferença de pontuação fosse ligeira. «Xerez», conduzido com muita calma, terminou com um derrube; «Raso», bastante mais rápido, não conseguiu melhor pontuação; «Paio», ressentido de uma infecção num casco, derrubou dois obstáculos, e «Zuari», tirou o primeiro percurso limpo.

Da equipa espanhola, «Batato», «Palomera» e «Liebana» terminaram com um derrube e «Answer del Tajo» com dois.

Estes resultados deram à equipa de Portugal uma diferença de 4 pontos a seu favor.

Na segunda mão, este ano muito emocionante, «Xerez» derrubou o «triplo», «Raso» arrancou um percurso limpo, que aumentou grandemente a nossa vantagem, «Paio» voltou a derrubar dois obstáculos e «Zuari» tornou indiscutível a nossa vitória com outro percurso sem faltas.

Os espanhóis, com certa infelicidade, viram penalizados três dos seus cavalos com dois derrubos e o último com um.

Portugal havia vencido brilhantemente a «Taça de Ouro da Península», com 12 pontos contra 36 da equipa espanhola.

Henrique Calado, com os seus dois percursos limpos, foi o mais brilhante dos nossos cavaleiros e o que mais fortemente contribuiu para a vitória. O segundo percurso foi notável.

Helder Martins conduziu muito bem o «Xerez», animal difícil. Guedes de Campos brilhou no «Raso», principalmente na segunda parte, e Correia Barrento aproveitou ao máximo as qualidades do cavalo que, como se disse, se ressentiu



Major IVENS FERRAZ

seleccionador e chefe da equipa nacional, com a «Taça de Ouro da Península»

de uma recente infecção num casco.

Todos eles confirmaram as suas qualidades de concurrentes, contribuindo para mais um grande êxito do hipismo nacional, merecendo bem os aplausos com que o público os premiou. De parabéns está também o seleccionador, major Ivens Ferraz, que dirigiu os treinos e formou a magnífica equipa.

Da dificuldade da prova fala o facto dos concorrentes espanhóis não terem conseguido nenhum percurso sem faltas, apesar da sua classe e da categoria das suas montadas.

**A prova «Diana» foi ganha por D. Maria T. Ivens Ferraz**

As magníficas qualidades e o desembaraço de D. Maria Teresa Ivens Ferraz, já afirmadas no Concurso de Cascais do ano anterior e nas «poules» d'este ano, confirmaram-se agora na prova «Diana», que venceu com brilho, no «Jocosos», um animal fogoso e rápido, que não conhecia e no qual se apresentou pela primeira vez.

A prova teria decorrido com alegria se uma queda grave de D. Maria José Quevedo, no «Paraqueidista», não tivesse sobressaltado a assistência. Esta senhora, que ficou bastante maltratada, havia conseguido, com «Tarass», o 3.º prémio, ficando em 2.º lugar a Condessa de Schouwaloff, no «Quintal».

(Continua na página 14)

# O Belenenses vencedor folgado do Benfica

garantiu o primeiro lugar no campeonato

O «basket» já ganhou a sua categoria de jogo popular. Que assim é prova-o a maneira como o público tem acompanhado os jogos do campeonato nacional, tanto em Lisboa, como no Pôrto, como em Coimbra.

A Federação respectiva, animada por isso, não deixa de lhe assistir com a sua melhor boa-vontade. Assim, fez principiar já o campeonato da Segunda Divisão—e breve começará o de juniores.

No entanto, o «basket» não tem ainda a expansão que lhe corresponde, isto é, a existência de mais grupos. Será preciso que outros centros acompanhem os bons esforços federativos, de algumas Associações e de vários clubes. Já se fez muito—mas ainda é pouco.

Em jogos a contar para o campeonato nacional, 1.<sup>a</sup> Divisão, o S. C. Vasco da Gama, no Pôrto, desforrou-se do empate imposto na primeira volta pelo Guifões. Os titulares nortenhos, ganhando o jogo de agora por 61-34, garantiram até novo assalto o segundo lugar no torneio máximo.

Diga-se que bem o merece. A equipa portuense, além de briosa, sabe jogar como as melhores.

O Belenenses, por sua vez, tem o título assegurado. A sua vitória de 44-28, sobre o Benfica, na última quinta-feira, além de expressiva, pôde demonstrar que o campeonato não deveria cair noutras mãos.

O Benfica forma agora em 3.<sup>o</sup> lugar, e também não teria direito a melhor classificação. O seu comportamento na prova também o valoriza, sem dúvida—mas Belenenses e Vasco são bem os melhores do torneio.

De novo volta a falar-se na visita do Belenenses a Madrid. Algumas viagens de grupos portugueses não se têm efectuado, por diversos motivos. Julgamos saber, todavia, que o Belenenses será desta vez mais feliz. O assunto está a ser estudado cuidadosamente, e pode desde já afirmar-se que o grupo lisboeta e campeão nos representará bem, seja qual for o adversário.

E, já agora, porque não pensar em desafios internacionais? Concluída a guerra, não seria deslumbramento pensar de novo em jogos Portugal-França, que há anos animaram extraordinariamente os nossos campos, ou em encontros contra a Espanha.

O público corresponderá, por certo. E o nosso basket não sairá diminuído da prova...

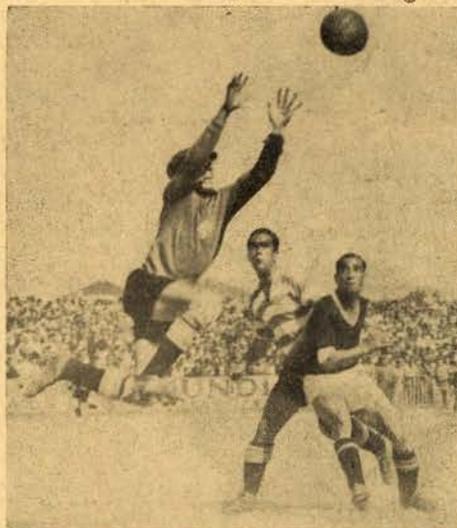
## RUGBY

### A E. M. Veterinária venceu o I Superior de Agnomonia

Na tarde desportiva da tarde das 11-1053, o quinze de «rugby» de Medicina Veterinária venceu o do Instituto de Agnomonia por 4-3. O encontro decorreu no meio do maior interesse, tendo os vencedores feito jogo de bom valor técnico.

# As razões que levaram o jogador MANUEL DA COSTA a abandonar a sua actividade no "team" do BENFICA

A notícia foi publicada nos jornais: «Manuel da Costa pediu a demissão de jogador do Benfica»... E como tudo o que interessa ao Benfica, popular entre os mais populares, interessa ao público desportivo—precisávamos de ouvir o excelente extremo que Vila Real cedeu ao futebol de Coimbra,



Num vibrante encontro entre o Benfica e o Sporting Manuel da Costa bate-se com a defesa leonina

primeiro, e ao de Lisboa, a seguir.

Era verdadeira a notícia? Manuel da Costa, abandonando o Benfica, abandonaria, afinal, o futebol?

A «gravidade» do caso não interessava para além do campo jornalístico. E, até, dentro d'ele, ainda poderíamos contribuir para harmonizar as partes em litígio...

Por isso, fomos ouvir o antigo extremo esquerdo ou extremo direito do Benfica—consoante as necessidades. O público é exigente, quer conhecer a verdade, quer estar bem informado. Se nem sempre se lhe pôde fazer a vontade, não se vê agora motivo para esconder o que se passa com Manuel da Costa, rapaz a quem o Benfica deve, pelo menos, uma actividade honesta e por vezes brilhante.

Pareceu-nos que «talvez Manuel da Costa desejasse»—avaliando pelas notícias publicadas—dizer da sua justiça... E não tomaríamos partido, não iríamos a favor de A ou de B. O público, os próprios amigos de Manuel da Costa, os adeptos do Benfica, aos milhares, estavam surpreendidos, visto que o popularíssimo agrupamento não se abandona assim sem mais nem menos. Logo, tudo era oportuno:—para servir o leitor; para esclarecer o amigo do Benfica; para justificar a atitude do atleta.

O simpático transmontano, como bom desportista, colocou-se imediatamente à nossa disposição.

Vimos de relance que lhe agradava muito falar para os sócios, para a população do Benfica. Naturalíssimo. Mais: absolutamente certo. Para principiar:

—Acabou, para si, o futebol?

—Não, senhor. Ainda me sinto jovem dentro dos meus 28 anos. Sou saudável. Levo uma vida normal, regrada, correcta. Gosto do futebol, meu desporto predilecto. Deste modo—não penso em retirar-me...

—Mas, aquela notícia tornou pública...

—Entende-se apenas com o meu abandono do Benfica. Isso sim—é verdade! Apresentei já o meu pedido de demissão e posso garantir-lhe que nada conseguirá modificar a minha atitude. De resto, o Benfica, por intermédio da sua direcção, não considerou as minhas razões...

—E «pesavam»?

—Muito, na minha opinião. Eu não podia fazer-me acreditar...

Já em Novembro de 1943, depois de provar que me havia ausentado de Lisboa, por motivo da minha vida profissional—aplicou-me o Benfica 15 dias de multa, nos vencimentos.

«Não me conformei. Aduzi razões e baseei-me na alínea I do «Capítulo Deveres do Jogador», que diz:

«A aceitar e desempenhar com zelo e assiduidade a ocupação profissional do clube lhe conseguir em conformidade com a cláusula E do Capítulo Deveres do Clube».

«Como conciliar estas duas coisas?»

«O Benfica, não me atendeu. Depois, deu-se um incidente, entre mim e um colega. Razão do meu lado? Do outro? Eu é que não fui atendido. Pedi nessa altura, pela primeira vez, a minha demissão. Isto em 6 de Dezembro de 1943. Dadas umas explicações—transigi. Mas breve estava de novo castigado—«por falta de brio contra o Sporting»!... Eu e alguns colegas de equipa. A secção de futebol, em officio, comunicou-me o castigo, mas dias depois escrevia-me de novo para me informar ter havido um lapso na comunicação—lapso que nunca cheguei a conhecer.

«As complicações continuaram afinal—e sempre em meu prejuizo.

«Passei por vários dias aborrecidos de ordem moral e desportiva. Esqueci. Mas em dezembro de 1944, a jogar contra o Sporting no Lumiar, magoei-me. Estive 27 dias de cama. Pois fui excluído da lista dos prémios, embora me considerasse componente da equipa vencedora do campeonato. Recorri. Não me atenderam. Não era eu jogador do grupo de honra? Não me pagaram os honorários durante a doença? Tinha ou não efectuado os jogos determinados pelo regulamento—«mais de metade dos correspondentes ao campeonato?»

«Quando me restabeleci e me deram como apto, fui convidado a jogar contra o Pôrto. Mas porque havia feito só dois ou três treinos, fiz sentir a pouco conveniência de alinhar logo nesse encontro. Mais alguns treinos e senti-me então em condições de jogar. Voluntariamente, procurei o mesmo dirigente que me fizera o anterior convite—mas foi-me alegado não ser a altura oportuna... por haver estado sujeito a uma inactividade de três meses...

«Uma divergência de opiniões para a qual não pude encontrar explicação.

«Mas há mais para me desgotar... Por exemplo: quando da despedida de Francisco Albino, desejei, como era humano, tomar parte na festa, jogando pela última vez com o meu bom companheiro de quatro anos. Por motivos que não desejo discutir—mas isto magoou!—não alinhhei.

«Abriu-se a questão—definitiva. Lamento-o, mas assim teve de ser. Dou esta explicação aos sócios e amigos do Benfica. Que me desculpem, mas eu também não posso esquecer a minha posição de homem de desporto. No Benfica e fora d'ele.

Deixámos falar o interessado. Sabíamos que pretendia justificar-se e que lhe merecia e merece respeito a colectividade que tem representado: o Benfica. Experimentamos ainda:

—Tudo isso pode resolver-se... Nos grandes clubes, às vezes, sucedem destas coisas. Talvez não haja motivo para o seu abandono...

—Há, indiscutivelmente. Seria moroso, fatigante, contar tudo «por miúdos». Eu sei que tenho razão, e posso demonstrá-la, com documentos, seja a quem for.

—Mas... a abandonar o Benfica...

—Não abandono o futebol... —E não tem saudades? Aquela camisola do Benfica...

—Nem me fale nisso! Mas está resolvido, está resolvido mesmo. A gente que joga futebol também é de brios. Não lhe parece?

—Nós somos apenas jornalista, meu caro Manuel da Costa. Para já, parece-me que tem razão. Pelos seus documentos, julgo que talvez se não haja procedido bem. Mas há sempre a «outra verdade». Deixemos o caso à apreciação dos leitores. Prometi não me inclinar,

(Continua na pág. 11)

# O PORTUGAL - SUÍÇA

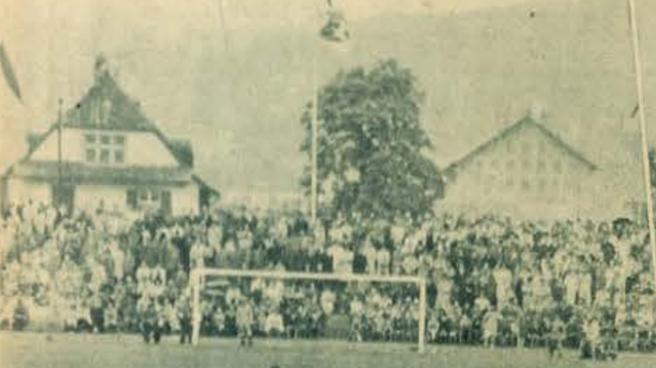
*Neste através de  
alguns sugestivos instantâneos*



Em cima: As equipas entram no campo. Do lado suíço, Bickel, Andreoli e Bocquet abrem a marcha. Por parte dos portugueses, reconhecem-se Payrota, Amaro, Espírito Santo e Azevedo. Ao lado: Os capitães, Cardoso e Amado, trocam cumprimentos. Pedro Escartin, o árbitro do encontro, sorri... Em baixo: Ataque dos portugueses, Espírito Santo tenta o remate de cabeça e Ballabio salta talvez a desatempo. Steffen guarda a baliza... e guarda Payrota. Notar a colocação de Feliciano, para cá do terreno, e que dá idéja da pressão sofrida pelos suíços.



Em cima: Grupo nacional no seu plano estratégico: Feliciano inutiliza a jogada de Neury, enquanto Cardoso cobre Amado e Anísio Ferreira guarda Av. À esquerda: Azevedo executa um dos seus magistrais milibos. Amado viu assim inutilizado o seu esforço. Em baixo: Azevedo defende um «canto». Da esquerda para a direita: Francisco Ferreira, Teixeira Azevedo, Feliano e Neury — este esforçando-se para rematar de cabeça.



Ao alto da página: No momento de emoção que precedeu o grande encontro de Basileia: Em sentido, hirtos, os jogadores da seleção nacional estão prontos para a saudação às entidades oficiais e aos desportistas suíços. Em cima, à esquerda: A seleção nacional suíça, perfilada também, antes das saudações. Em cima: A defesa de Portugal correspondeu ao que dela se esperava! Neste instantâneo vê-se Azevedo, Cardoso e Feliciano em acção. O corajoso «keeper» nacional acaba de repelir a bola a sôco, enquanto Cardoso parece respirar de alívio... Feliciano opõe-se ainda à carga de Amado. Em segundo plano, o suíço Neury e Teixeira seguem o lance. Em baixo, à esquerda: Outra esplêndida defesa de Azevedo. Friedlander apoia-se vigorosamente em Feliciano, fazendo falta — que não é assinalada por Pedro Escartin. Francisco Ferreira toma também parte no lance — com a costumada vivacidade. Mais distante, Teixeira segue a jogada com a máscara de expectativa do costume...



A MESA DO «MAGESTIC»...

## O DR. CESÁRIO BONITO

presidente da Direcção do F. C. do Pôrto

numa conversa banal, fêz interessantes declarações

Journalista é indiscreto por necessidade—mas, às vezes, por casualidade... Quem diria, quando nos sentámos na mesa do «Magestic», em redor da qual se encontravam o dr. Cesário Bonito, correcto e amável presidente do F. C. do Pôrto, o seu colega de direcção Rocha e o jogador Araújo, que colhermos o ensejo de escrever algo de imprevisível sobre a actividade do nosso principal clube neste fim de época que se avizinha.

Se quisermos dizer como a conversa começou, será difícil, porque, de facto, não nos recordamos. Começou pelos jogos internacionais e acabou por se falar na paz... entre clubes—mas este último aspecto terá de ficar ainda escondido, até poder ser divulgado em letra de fôrma.

Disse-se muito sobre a exibição do «onze» representativo de Portugal; da única «chance» dada ao nosso Gomes da Costa, enquanto outros tiveram a «dose triplicada»; trocaram-se impressões—e leram-se comentários deste e daquele crítico ou técnico.

Mes o ponto forte residu nas negociações entabuladas pelo F. C. do Pôrto com o Madrid, o Barcelona e o Atlético de Bilbao, das possibilidades de deslocação destes três importantes clubes espanhóis e da grande prova de camaradagem e desportivismo dada pelo Benfica, como a seguir se verá.

E como não poderemos dar a este arrazoado o título pomposo, do qual tanto se abusa, de entrevista, porque o não foi, vamos limitar-nos a reproduzi-lo, tão fielmente quanto o nosso cérebro, bem fatigado no momento, no-lo consentir.

O dr. Cesário Bonito—acentue-se firmemente a adjectivação que segue—é dos poucos dirigentes dos nossos clubes que têm a compreensão do momento, das exigências da nossa profissão e até da psicologia do próprio jornalista. Lealíssimo, espírito de larga visão, desportista consciente e íntegro, de todas as vezes que se tem tornado indispensável uma conversa entre o jornalista e o dirigente tem-nos recebido com a maior afabilidade, com delicada atenção.

Assim, quando o estávamos escutando, a par da imperiosa exigência da profissão havia ainda o dever de ouvir—e até perscrutar—aquilo que o amigo estava desfiando...

Assentes os jogos com o Real Madrid para o dia 3 de Junho, no Pôrto, e para o dia 24, em Madrid—uma vez que as datas de 10 e 17 estão celivas para a realização do Pôrto-Galiza—restava a probabilidade do Barcelona e a hipótese do Atlético de Bilbao. Quanto ao campeão da Liga de Espanha, o assunto está mais ou menos assente, desde que não surjam dificuldades para o mês de Julho. Teríamos, assim, por

có, o Barcelona no dia 1 de Julho.

É aqui surge a grande notícia—grande pelo seu significado desportivo e pela demonstração de camaradagem e simpatia por parte de um clube do sul: o Benfica.

Sim, senhores desportistas do Pôrto! Do Benfica!!

O Benfica, com uma direcção à qual preside a figura notável de Felix Bermudes, leve para com o F. C. do Pôrto um gesto demonstrativo da consciência desportiva dos seus diligentes. Sem entrar em minudências, que não interessam para o caso:

*O Benfica prestou-se a jogar de semana com o Barcelona, para que o F. C. do Pôrto pudesse fazer o seu jogo no domingo seguinte à chegada do Barcelona a Lisboa.*

Ponham aqui os seus olhos todos os desportistas. E escusamos de frisar que entre o F. C. do Pôrto e o Benfica existia um corte de relações, que deixa agora de ter razão de ser!

Quanto ao Atlético de Bilbao, o caso reveste-se de maiores dificuldades, porquanto aquêle clube está ainda dentro da «Taça do Generallíssimo» e tudo depende disso—como das possibilidades de se poderem efectuar jogos no mês de Julho. Não dependerá dos dois clubes, portanto, a realização efectiva desses jogos.

E a conversa prosseguiu... Veio a questão do campo, que deve estar a receber os últimos retoques; o protesto do jogo da «Taça de Portugal»; a má sorte que tem perseguido os jogadores «azul-brancos»—esta época registaram-se seis casos de fracturas (!); os trabalhos técnicos da Szabo; a oportunidade perdida por Alberto Augusto; etc.

E aqui está como de uma conversa entre dois amigos surgiu um ensejo para se rabiscar esta crónica despreziosa...

MÁRIO AFONSO

## De oito em oito dias

Os clubes do Pôrto reuniram...

A convite da direcção da A. F. do Pôrto reuniram-se, na sede deste organismo, os representantes dos clubes filiados, para apreciarem o novo quantitativo de impostos estabelecido pela entidade competente. O problema foi encarado sob todos os aspectos e ficou assente que se elaborasse uma exposição, a apresentar às instâncias superiores.

É um caso que merece ser bem ponderado, pois a vida dos clubes desportivos depende, sem dúvida, do maior ou menor valor das receitas obtidas nos jogos, pois que a proveniente das quotizações é, na maioria dos casos, inferior à soma das despesas gerais das colectivas...

Pôrto-Galiza

Dado o caso de não ser autorizado o adiamento dos jogos da «Taça de Portugal», que o Boavista terá de fazer, se passar em frente do Vitoria de Setúbal, ou na hipótese de se realizar o segundo jogo no dia 10 de Junho, data marcada para o Pôrto-Galiza, em Vigo, o clube do Bessa não poderá ceder quaisquer jogadores para a equipa representativa da cidade. Assim, Quincoces, Armando e Serafim não tomarão parte no encontro.

Bom gesto do Boavista!

Sabemos que a direcção do Boavista, ao tomar conhecimento do jogo que se efectua nesta cidade no próximo dia 3 de Junho, entre o

A representação portuense não foi feliz na primeira saída do Nacional. Era a jornada que se augurava mais propícia à dupla vitória e redundou em fracasso: uma derrota e um simples empate...

Em Lisboa, o clube começou, apesar de jogar em terreno estranho, tinha o direito de ultrapassar o obstáculo, já porque noutras épocas tal tem sucedido (e hoje não cremos que o valor dos grupos tenha mudado de feição), já pelo exame dos factos, que nos dizem ter-se verificado pouca fortuna no jogo. Mesmo o minguado resultado—2 pontos—num «onze» onde não fallam lançadores experientes, indicam que alguma coisa de «anormal» se passou no desafio contra o Sporting.

O Vigorosa, por sua vez, entregue a uma psicologia de superioridade, (sempre susceptível de desilusões), mediu superficialmente a sua responsabilidade ante o 2.º classificado sudista. Este grupo, com características para sobrepor-se à corrente adversária—um grupo que só deixa a luta quando expira a hora regulamentar—estudando, primeiro, a manobra do Vigorosa, depois atacando de frente em todos os sectores, ripostou sempre «taco-a-taco». Sábiamente explorou o ponto fraco do director do jogo, enveredando pelo caminho da dureza, que, sabia-o de antemão, ficaria impune.

O grupo portuense, acusando a reacção, não teve talento para se furtar a essa insistência e foi balido completamente na disputa da bola. O «onze» atravessou um momento de crise moral e, agora, só uma vitória inequívoca o confortará.

♦ ♦ ♦

A nomeação do árbitro para o desafio Sporting-Pôrto causou assombro na população «handballística» desta cidade.

Depois da indicação da C. D. Árbitros, era de admitir que os pormenores de cada jogo fossem estudados em relação aos árbitros. Naturalmente, ninguém melhor que a C. Distrital poderia dar referências seguras dos seus filiados, depois do rigoroso exame que constituiu o campeonato portuense.

Não foi ponderado esse facto importante e hoje lamenta-se o deslize—que consideramos, apesar de tudo, produto de boa-fé.

Nenhuma responsabilidade pode caber à C. D. Árbitros pela indicação de Fernando Oliveira. Fora do ambiente apaixonado do grupo que foi o principal rival do seu clube, podia dar boa conta de si.

Hoje, mais que nunca, relembra-se a conveniência da C. Central ser formada também por um elemento nortenho, que conheça bem o meio portuense.

♦ ♦ ♦

José Lamprea teve uma actuação «sombria» no campo do Selgueiros. Reconhecemos no seu trabalho pormenores de bom julgamento, a par de outros inferiores.

Esta irregularidade, o público fanáticamente baírrista aproveitou para acusá-lo de lódas as culpas. Exagerou-se. O árbitro lisbonense não teve acção tão inferior que merecesse essa áspera crítica e se todos estamos de acordo num ponto (a condenável benevolência ante jogadas assezes violentas), o seu critério imparcial patenteou-se aos olhos dos desportistas calmos e rectos.

♦ ♦ ♦

Não conhecemos as bases técnicas do protesto do Vigorosa, aliás gerado num ambiente pesado.

Se, como consta, se baseia na validação de um «goal» na baliza da Cuf, que o árbitro não aceitou, então o protesto será, irremediavelmente, julgado improcedente. Quer o juiz de campo, quer o fiscal da baliza—os «oficiais» supremos, que melhor podem influir na decisão—verificaram que a bola não entrou na baliza, soando o grito de «goal» como rebate falso.

LUÍS MARCOLINO

F. C. do Pôrto e o Madrid, tomou o deliberação de facilitar a alteração do seu jogo da «Taça de Portugal» que devia realizar-se, no mesmo dia, entre o clube do Bessa e o Vitoria de Setúbal.

A ser assim, o jogo seria transferido para sábado, dia 2, facilitando aos associados do Boavista a assistência ao jogo internacional do dia seguinte.

Este gesto da direcção do Boavista tem sido elogiado nos meios desportivos citadinos.

Campismo

Modalidade nova, de recente instituição, o campismo vai-se desenvolvendo pouco a pouco, mas em caminho de acentuado progresso.

Sabemos que em Espinho acaba de ser fundado um núcleo campista, que tem a sua sede provisória na rua 18. A sua direcção é

## M. França e Mariano Hita fizeram combate nulo

**D**OS espectadores que presenciaram os combates efectuados no Parque Maier, na noite de 23 do corrente, nenhum poderá dizer que gastou inutilmente tempo e dinheiro. Desde a primeira até à última das lutas, exceptuando o choque Figueiredo-Albarrán, houve da parte dos pugilistas ardor e combatividade em abundância para satisfazer os assistentes — até os desconfiados e suspeitosos, por indole e hábito...

Miguel França (63,2 k.), detentor do título de campeão de Portugal dos leves, encontrou no espanhol Mariano Hita Villaverde (62 k.) um adversário rijo e difícil. Por esse motivo, os dez assaltos do «match» redundaram na mais vigorosa batalha que se tem visto entre homens da referida categoria, batalha que deixou ambos exaustos e duramente marcados no rosto.

A fisionomia do combate pode resumir-se como segue:

Nos dois primeiros assaltos o espanhol tem iniciativa nos ataques, trabalhando principalmente com o punho esquerdo, que *dobra* repetidas vezes ao tronco e à cara. Em particular a sua actividade no segundo arranca justos aplausos do público. França não esteve inactivo e aplicou um sóco contundente no olho direito de Hita, durante o primeiro período, «contrando» espaçadamente e movendo-se bem.

Os assaltos seguintes, principalmente o 3.º, que foi o melhor do jogador português e no qual teve ascendente pontual, Miguel França notabilizou-se pela pertinácia com que procurou impôr-se a meia-distância, aplicando golpes curtos e repetidos na cara do espanhol e encaixando os excelentes sócos ao tronco e queixo que lhe devolvia o antagonista.

A decisão de empate ajusta-se à fisionomia geral da batalha, ainda que, em nosso entender, pelo estilo, variedade e clareza dos golpes, o jogador visitante merecesse pontuação ligeiramente superior à do campeão nacional. Boa arbitragem de José de Araújo.

O combate antecedente não correspondeu à expectativa que o rodeava. António de Figueiredo (67,7 k.) bateu por K-O, ao 5.º assalto, o bem conhecido Albarrán (67,5 k.), que, muito ressentido ainda da dureza do combate com Augusto de Sousa, não aguentou

consolidado por Mário Neves, António dos Santos, Francisco Caldeira e António Galo. O primeiro acontecimento realizou-se em Golfar, concelho da Vila de Feira.

### Alberto Augusto vai para o Sporting de Braga?

Parece que, em face de o Vitoria de Guimarães não dar cumprimento ao acordo estabelecido com Alberto Augusto, cujas condições nos dispensamos de apresentar, aquêle antigo internacional está na disposição de aceitar a proposta feita pelo Sporting Club de Braga para treinar os seus grupos.

Se assim for, o Vitoria perde um magnífico elemento — em favor do seu mais directo rival...

o trabalho do adversário e preferiu (ao ser tocado baixo, por uma ligeira cabeçada, segundo a opinião da maioria dos assistentes bem situados...) simular um «fôra-de-combate» aparatoso em demasia.

O 1.º assalto foi algo equilibrado, notando-se a mobilidade de Figueiredo, que bateu forte nos flancos.

O 2.º foi o melhor dos cinco. De um lado e de outro houve sócos ásperos e potentes, com evidente inferioridade do espanhol. Nos seguintes, Figueiredo esquivou em demasia, não entrando em seguida aos sócos, erro indiscutível num pugilista feito.

No 4.º, Albarrán aplicou um sóco esplêndido e Figueiredo acusou o toque. Encaixou outro sóco violento no nariz e sangrou mas o adversário parece incapaz de prosseguir no ataque. O último assalto foi demasiado monótono e deixou marcada impressão de ter havido conluio entre os homens.

Falcão arbitrou satisfatoriamente e decidiu o resultado com energia, merecendo por isso o nosso aplauso.

O combate de Gama (74 k.) com José Luís (75,9 k.) foi o que se esperava. José Luís tem um temperamento original, que faz rir a assistência, e Gama, pelo empenho em bater duro, contrasta com esse modo de sentir e proceder. Foram 6 assaltos de permanente desanuviamento, com verdadeiras «salvas» de bombardeio e estibordo lanças por Gama, quasi todas com «alça» elevada de mais... ou muito curta... De dominado, José Luís passou a dominador quando atingiu o «alvo» no 3.º round e depois, espaçadamente, no 5.º. O último foi de Gama, arrancando o empate sobre o «fio de chegada».

O trabalho do árbitro Rodolfo Pereira, difícil, satisfaz — e a decisão também.

Sousa 2.º (57,7 k.) fez bom combate contra o espanhol Quintas (58,1 k.) que deixou o ring muito contuso na cara e talvez com um osso fracturado. Foram seis assaltos bem disputados e rudemente batalhados. Sousa, ainda que bastante melhor, continua pouco «limpo», isto é, a empregar o cotovelo e o ante-braço, sem cuidado nem lembranças conseqüências.

Quintas defendeu-se bem, aproveitando a sua maior experiência. A decisão por pontos, a favor de Sousa, achamo-la justa. Muito bom trabalho de Jordão França: sóbrio e oportuno, sem interferir na acção dos combatentes.

A abrir a sessão assistimos aos progressos de Rocha 2.º (58 k.) vencendo António Branco, (55,1 k.) cuja larga ausencia do quadrângulo o prejudicou, como era de prever. A três segundos do final do 4.º assalto, Branco, que fôra violentamente sacudido e esmurado nos anteriores, viu o combate suspenso e a vitória concedida a Rocha I.

O trabalho do árbitro W. Pressler não nos agradou. Muito indeciso, deixou que Branco se cobrisse e se conservasse nessa posição sem combater, facto que é contrário ao regulamento e impõe a desclassificação, ou até a para-

## Prosegue o torneio "José Maria Rosendo"

**O** Grupo Desportivo dos Tabacos, modesto mas interessado na propagação da luta greco-romana, como já se deixou dito em números anteriores, demonstrou mais uma vez, nas últimas reuniões para o «Torneio José Maria Rosendo», que acredita na expansão da útil e atlética modalidade.

Compareceram muitos pratican-

nasio, não agradaram. Pouco espírito de luta. Por isso — foram derrotados.

Raúl Lourenço, «acelista» de boa categoria, ganhou a Manuel Leal, do Benfica. A superioridade do representante do Ateneu revelou-se em diversos pormenores e segredos da luta.

Um bom representante do G. D. dos Tabacos, Raul Pereira, ganhou a Horacio Gama, do Benfica.



Os árbitros seguem atentamente o combate J. Lourenço-J. Costa

tes. E muito público. E muitos dirigentes — do clube e da Federação.

Nas penúltimas sessões, efectuaram-se combates interessantes, alguns deles vivos e disputados por elementos de bom futuro.

Por exemplo: João Costa, do Intendente, e Fernando Carvalho, do Ateneu, lutaram animadamente, com vitória atribuída ao segundo. Resultado justo e trabalho brilhante do vencedor.

José Xavier, do Ateneu, ganhou a Francisco Ramalho, do G. D. dos Tabacos. Outro resultado justo.

José Maria da Silva, Ateneu, e Domingos Lourenço, Lisboa Gim-

Um dos melhores combates da noite.

Vasco Santos Lourenço, Lisboa Gimnasio, como sénior, não deixou os seus créditos por mãos alheias e derrotou Carmo e Silva, júnior, do mesmo clube. A diferença de categoria justifica o resultado.

Orlando Martins, também do Lisboa Gimnasio, e Charles Garcez, do Ateneu, forneceram novo combate, excelente — de princípio a fim. O lutador acelista, por dupla prisão de cabeça e espádua, foi considerado vencedor.

O representante do G. D. dos Tabacos, José Viegas venceu Luís Filipe, do Intendente. Combate vulgar.

O Intendente, por intermédio de Aquilino Reis, obteve nova vitória sobre António Guerreiro, do Ateneu.

Raúl Ribeiro, do Benfica, e José Tavares, do Intendente, foram derrotados. O juri resolveu esta dupla derrota alegando razões de ordem técnica.

Manuel Jesus Santos, do Ateneu, júnior, derrotou o principiante Augusto Alves, do Lisboa Gimnasio, por uma chave alemã. Qualquer dos lutadores sabe fazer melhor.

Por último, Francisco Ramalho, do G. D. dos Tabacos, perdeu com Maximiano, do Intendente, que pertence à categoria de júniores.

As últimas sessões agradaram mais do que a primeira. A disposição dos concorrentes pareceu mais inclinada a produzir boas lutas, e compareceram também mais desportistas amadores da modalidade que o Grupo Desportivo dos Tabacos pretende fazer reviver.

### Manuel da Costa

(Continuação da pág. 7)

nem para um lado nem para o outro...

—Mas sempre lhe agradeço esta oportunidade. Aos sócios e amigos do Benfica deixo o agradecimento por muitos aplausos que me deram. E esta afirmação: despedi-me por não ter sido bem tratado. Só por isso. Foi pouca sorte minha. Mas continuarei a ser sempre o socio 4732...

—E quanto a magoas...

—Não-de esquecer!

E por aqui se ficou o conhecido jogador. Disse das suas razões, e sem azedume. Como bom desportista.

gem do encontro, se houver marcada inferioridade. Para cúmulo, depois de levantar a mão do vencedor (antes do timbre, é claro), ainda quis que o combate prosseguisse...

RAFAEL BARRADAS

O hipismo nacional  
teve tardes  
de brilhantismo  
no concurso  
internacional  
de Lisboa



Calado — os componentes e chefe da equipa que conquistou mais uma vez a «Taça de Ouro da Península»; 2 — D. Maria Teresa Ivens Ferraz, vencedora da prova «Diana»; 3 — Alferes Barros e Cunha, com o «Jocoso», que conquistou a vitória na «Nacional»; 4 — A equipa espanhola; 5 — Garcia Fernandez, na conhecida «Palomera», que venceu na «Regularidade»; 6 — Correia Barreto leva o «Paiol» ao seu salto magnífico de 1.<sup>m</sup> 95 e triunfa na «Taça de Honras»; 7 — Rodrigo de Castro Pereira, no «Hopefull Don», vencedor do «Grande Prémios».



# PROVAS DE REMO



No último domingo o Tejo voltou a registar excelente animação em provas de remo. Nas provas da Federação, organizadas pela Associação Naval, a «velhinha» conquistou boas vitórias em «yolles» de 4 e «shells» de 8 — cujas tripulações as fotografias (1 e 2) reproduzem. As regatas da «Mocidade» puzeram em actividade 55 jovens remadores, que deixaram boa impressão. As fotografias mostram: 3 — «match» Porto-Lisboa, já quando a equipa da capital levava vantagem que lhe deu a vitória; 4 — A equipa de Viana do Castelo, vencedora em «yolles» de 4.

**NÃO DESANIME!**  
**USE JÁ CLOVIS**  
 O ÚNICO PREPARADO INEGALVÉL  
**CONTRA A CASPA**  
**SEBORREIA calvície!**

Frasco: 22450 FARM. SMO SEBAS-  
 FARM. COSTA TIKO, L. S.  
 (depositario) R. do Amparo, Sebastião  
 80 - LISBOA - da Pedreira, 3

O Depositario envia à cobrança  
 ::::: para todo o País: :::::

# ESTORIL

## COSTA DO SOL

(A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal  
 Rápido serviço de comboios eléctricos

\* \* \*

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

### TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Ténis, Hipismo,  
 Natação, Esgrima, Tiro, etc.

### ESTORIL - PALÁCIO - HOTEL:

Moderno e elegante - Magnífica situação.

### HOTEL DO PARQUE:

Todo o conforto - Anexo às Termas.

### MONTE ESTORIL HOTEL:

(antigo Hotel de Itália)  
 Completamente modernizado.

### ESTORIL - TERMAS:

Estabelecimento Hidro - Mineral  
 e Fisioterápico. Laboratório de Análises  
 Clínicas. Gimnástica - Massagens.

### TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar.  
 Restaurante - Bar.

PISCINA de água tépida - SALA DE ARMAS  
 ESCOLA DE EQUITACÃO - «STANDS» DE TIRO

## CASINO:

Aberto todo o ano

Cinema - Concêrtos - Festa

Dancing - Restaurante - Bar

Jogos autorizados

### INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL

## JOÃO REBELO

com as suas surpreendentes vitórias nas etapas S. Sebastião-Bilbau e Santander-Reinosa

(Continuação da página 6)

### «Palomera» e «Lequeitio» 1.º «ex-aequo» na «Regu- laridade»

A fechar o programa do quarto dia, a equipa espanhola obteve um magnífico triunfo.

«Palomera» e «Lequeitio», a primeira com Garcia Fernandez e o segundo com Marcelino Gavillan, classificaram-se em 1.º lugar, «ex-aequo», com 42 saltos, a grande distância de «Académico», que Travassos Lopes montou com correcção e que saltou 34 obstáculos, e de «Congo», com o qual Reimão Nogueira obteve o 4.º lugar.

A taça, por proposta do chefe da equipa espanhola, foi atribuída por sorteio, para evitar a «barrage», devido ao adiantado da hora.

Beneficiada pela sorte, a «Palomera» ganhou assim a taça «Capitão António Calado». Os espanhóis meteram ainda em prémio o cavalo «Calculo», montado por Luís Ponte.

### Rodrigo Castro Pereira vencedor do «Grande Prémio»

O «Grande Prémio de Lisboa» é a mais importante prova individual que se disputa no País. Isto justifica amplamente a dificuldade do percurso, que este ano estava formado por 16 obstáculos, com 4 duplos e 1 triplo, o que elevava para 22 o número de saltos. Além da dificuldade resultante da quantidade de obstáculos e da sua posição no terreno, há ainda a considerar as dimensões. Basta que se diga que havia vários a 1,50 m., um duplo de «oxers», com 1,20x1,18, e a vala, com 4 metros.

Só os bons cavalos podem ser submetidos a esta prova, o que torna a luta mais brilhante e a vitória mais valorosa.

Pode dizer-se que começou bem. O tenente Leote, primeiro concorrente a entrar na pista, conseguiu, com o «Barrufo», um belo percurso, apenas com um derrube, em 1 m. 45 s. 2/5, levando a bandeira nacional ao mastro de honra.

Pouco tempo depois, Rodrigo de Castro Pereira, no seu magnífico «Hopefull Don», levanta a assistência com uma prova soberba, feita em galope rápido, entrando aos obstáculos com decisão e pondo em evidência os seus recursos de cavaleiro com muitos anos de prática e o valor do seu esplêndido cavalo. Conseguiu o único percurso limpo da prova, em 1 m. 41 s. e inscreveu o seu nome na lista dos vencedores do «Grande Prémio de Lisboa».

A luta para lhe tirar a posição de favorito foi tentada pelos nossos «ases» e por todos os concorrentes espanhóis, mas sem êxito.

Foi «Jocosos», com o alferes Barros e Cunha, o que mais se aproximou — e se não fora um derrube nos «pinheiros» tinha alcançado, com o seu percurso brilhante, mais uma vitória, a premiar a habilidade do saltador e as qualidades do cavaleiro. Fizera a prova em 1 m. 40 s. 4/5, arrancando fortes aplausos — e colocando-se em 2.º lugar, posição que não mais perdeu.

Também com um só derrube termina Marcelino Gavillán, no

célebre «Lequeitio», mas o tempo não lhe permite ir além do 3.º lugar. Foi, no entanto, o mais feliz da equipa espanhola, que não teve sorte no «Grande Prémio».

Evidenciaram-se ainda, além do «Barrufo», a que já nos referimos, e que se firmou no 4.º posto da classificação, o «Zuari», com Henrique Calado; «Palomera», com Garcia Fernandez; «Adail» — o velho «Adail»... — com Abrantes da Silva; «Paiolo», com Correia Barrento; «Outão», com Travassos Lopes; «Xarão», com Alves Pereira; «Acebucho», com Hector Vasquez; e «Abanão», com Vasco Cordeiro. Todos com dois derrubes, alcançaram os lugares imediatos.

Alguns dos nossos melhores cavalos não corresponderam ao que se esperava.

### Na prova «Sociedade Hípica» triunfou Emiliano Fernandes

Antes do «Grande Prémio de Lisboa» realizou-se a prova «Sociedade Hípica», reservada aos cavalos que nos últimos três anos não tivessem ganho o total de mil escudos.

O percurso era formado por 12 obstáculos, à altura máxima de 1,20 m., e apesar de não estar difícil só quatro concorrentes conseguiram «limpar». Dêstes, o mais rápido foi Emiliano Fernandes, o «Orone», que venceu a prova.

### Helder Mendonça, na «Princesa» ganhou a prova «Juventude»

O sexto e último dia de provas do 34.º Concurso Hípico de Lisboa decorreu num ambiente de entusiasmo e constituiu um êxito para a cavalaria portuguesa.

O programa continha três provas — e uma delas, «Juventude», terminou com uma bonita vitória de Helder Mendonça, que, na «Princesa», entusiasmou a assistência, tirando um magnífico e rapidíssimo percurso.

### Correia Barrento, no «Sagres», venceu a prova «Despedida»

Como os demais anos, a «Despedida» é reservada aos cavalos que não tivessem ganho duzentos escudos, montados por cavaleiros que não atingissem quatrocentos.

A dêste ano oferecia a diferença de concorrer um dos bons cavalos espanhóis — o «Batato», que em 1943 venciara em Lisboa o «Grande Prémio»...

Fácil lhe foi, portanto, colocar-se à frente da classificação, com poucas possibilidades de ser batido, terminando sem derrubes em 1 m. 6 s. 4/5.

«Sagres», porém, entrou na pista montado pelo capitão Correia Barrento, que estava disposto a não consentir a vitória de Hector Vasquez. Em bom galope, conduzido com inteligência e convicção, foi transpondo os 12 obstáculos sem um derrube e terminou vencedor em 1 m. 3 s. 1/5, alcançando um triunfo que a assistência premiou sem reservas.

### A «Taça de Honra» deu novo e brilhante triunfo a Correia Barrento

Fechou com chave de ouro o Concurso dêste ano. A vitória do capitão Correia Barrento foi das

A maneira como os corredeiros espanhóis reagiram para evitar uma possível vitória de João Rebelo na etapa Tolosa-Barcelona, — não se preocupando com a fuga do português, feita com o intuito de ser o primeiro a passar no alto de Montjuich, onde havia classificação para o Prémio da Montanha — mas perseguindo-o de forma irresistível quando notaram que o sportinguista poderia ganhar a tirada; essa tática de facilitar tôdas as iniciativas dos lusitanos, das quais eles afinal saíam sempre fatigados e vencidos, porque a sua inferioridade numérica é flagrante; e essa combatividade inglória, tantas vezes demonstrada sem proveito, tudo isso mostra quanto é ingrata a tarefa dos nossos representantes.

Mesmo assim, bastou que um português — João Rebelo, o mais apetrechado de tôdos para o fazer — modificasse a sua maneira de correr, dando-lhe rumo que melhor se coadunasse com as suas características de roldador, e que êsse lusitano passasse a lutar nos

mais brilhantes que temos visto obter e das que marcam, indiscutivelmente, o seu valor de concursista.

Como se sabe, a «Taça de Honra» é disputada por «barrages» sucessivas — e isso bastou para entusiasmar o público que no domingo encheu por completo todos os lugares do hipódromo.

Para a primeira «barrage» foram aprovados catorze concorrentes, sendo dois dêles espanhóis. O «pendish» foi elevado para 1,60 m., o «oxer» para 1,50 x 1,60 e a vala para 4,40 m.

Para a 2.ª «barrage» passaram nove concorrentes, entre êles os dois espanhóis. A assistência começa a emocionar-se. A partir da 3.ª «barrage» a prova é feita num só salto («pendish»), que vai subindo dez centímetros.

«Congo», com Reimão Nogueira; «Gaza», com Fernando Pais; «Lequeitio», com Marcelino Gavillán; «Calculo», com Luiz Ponte; Barrufo, com J. Leote; «Abanão», com Vasco Cordeiro; e «Paiolo», com Correia Barrento — disputam a 4.ª «barrage», mas alguns não saltam já 1,80 m.

Na 5.ª saem outros e para a 6.ª saltam apenas «Lequeitio», da equipa espanhola, e «Paiolo», o nosso último representante na prova. Ambos galgam 1,90 m., entusiasmando a assistência — e o «pendish» sobe para 1,95 m!

«Lequeitio» faz-se bem ao obstáculo mas derruba, e «Paiolo», num salto maravilhoso, transpõe folgado, ganhando a prova com muito brilho.

O público, emocionado, invadiu o campo, e Correia Barrento recebeu aplausos e abraços de um público anónimo e entusiasmado.

Assim acabou o Concurso Hípico de Lisboa, no qual os portugueses arrancaram os melhores prémios e se comportaram à altura das belas tradições da cavalaria portuguesa.

### estava no domingo em sexto lugar da classificação geral

moldes que menos convêm aos espanhóis — com a entreada de outros companheiros e aproveitando as consequências da única rivalidade que entre êles existe, — para que surgisse, e de maneira convincente, uma vitória nítida, brilhante e meritória para as cores nacionais.

Ficou assim compensada a infelicidade do sportinguista, que perdeu o seu honroso 8.º lugar em grande parte por avaria, e pôde também comprovar-se que Aniceto Bruno, chegado a Bilbau em segundo lugar, atrás de Rebelo, e seleccionado sem muita convicção, têm estôfo para uma «Volta a Espanha».

Mas não se resume apenas aos feitos atrás citados o brilhante comportamento dos portugueses. Depois de uma etapa corrida em prudente defesa, Rebelo voltou a evidenciar-se na tirada Santander-Reinosa, ganha com a vantagem de 8 m. sobre o primeiro espanhol. Nesta etapa o sportinguista não só recuperou quatro pontos na classificação geral, como se colocou à frente do «Prémio da Montanha».

Embora fatigados pelo esforço despendido na tirada da vespera, Rebelo e Mourão conseguiram «agüentar» o pelotão dos primeiros chegados a Gijón. O campeão nacional ganhou mais um posto na luta dos classificados e Mourão cedeu apenas uns escassos 2 minutos, em relação ao vencedor da tirada.

Assim, ao partirem para a antepenúltima tirada, Gijón-Leão, os portugueses, que têm suportado com ânimo tôdas as dificuldades da «Volta», encontram-se classificados como segue:

Rebelo em 6.º, a 44 m. de Délio, que continua envergando a camisola encarnada; Mourão em 20.º; Aniceto, em 24.º; e Império em 26.º. Até Madrid podem ainda os nossos compatriotas melhorar a sua posição, mas, se o não fizerem, basta que terminem a corrida para terem jus à nossa admiração.

GIL MOREIRA

## «FLECHA»

A MELHOR BICICLETA!

Ano III — II Série — N.º 130  
Lisboa, 30 de Maio de 1945

### Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:

Dr. GUILHERMINE DE MATOS

Propriedade da

Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

T. Cidade João Gonçalves, 19, 3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de

NEOGRAFIA, LDA. — LISBOA

ANTAS TEIXEIRA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# H. VAULTIER & C.<sup>a</sup>

**M á q u i n a s  
e a c e s s ó r i o s  
p a r a a i n d ú s t r i a**

**CASA FUNDADA EM 1897**

**JOALHARIA  
OURIVESARIA  
E RELOJOARIA**

## **CASA DAS BENGALAS**

Sortido colossal de Taças de prata para prémios desportivos. Preços sem competência. Grande sortido de jóias, ouro, prata e relógios.

**Rua da Prata, 87 a 91**

**Telef. 2 0256  
L I S B O A**

## **HALO, LIMITADA**

**COMISSÕES  
E REPRESENTAÇÕES  
IMPORT. - EXPORT.**

**Rua dos Fanqueiros, 346,  
terceiro-direito**

**L I S B O A**

**Produtos de Toucador  
e Beleza**

## **"LA TOJA"**

**Sabonetes de Toucador  
(para peles gordurosas  
e secas)—Sabonetes Banho  
(flutuantes)—Pasta  
Dentífrica—Stick e  
Creme para Barbear—  
Cremes de beleza (para  
de dia e para de noite)—  
Brilhanina—Shampoo  
Águas de Colónia  
e Loção para o cabelo**

Experimente V. Ex.<sup>a</sup> estes  
magníficos produtos e  
ficará plenamente satisfeito

*Concessionário para  
Portugal, Ilhas e Colónias*

**Monteiro Guimarães,  
Filho, Limitada**

**86, Rua José Falcão, 96  
P O R T O**

## **BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA**

**CAPITAL REALIZADO... 80.000.000\$00  
FUNDOS DE RESERVA... 80.000.000\$00**

**Rua do Comércio, 95 e 119—LISBOA**

**DEPENDÊNCIAS URBANAS:—**Alcântara, Paço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis e Benfica.

**FILIAIS E AGÊNCIAS:—**Póvoa, Colmbro, Braga, Faro, Covilhã, Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mafalga, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matosinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montijo.

**Tôdas as operações bancárias**

## **TORROAES**

**(Relojoeiro de confiança)**

**TÔDA A CLASSE  
DE RELOJOARIA  
DE PRECISAO**

**Rua da Prata, 129  
Telefone 2 4210**

**Os melhores  
«goals» são  
conseguidos  
sempre com  
bolas REGAL  
da «Atlas»**

## **ARMAZÉNS DA RUA PALMA LOPES & PINTO Lda.**

**Rua da Palma, 118 a 124  
LISBOA  
Telefone 2 8551**

**Móveis em todos os  
estilos**

**Móveis, Maples,  
Estofos e Decorações**

**Novas remessas  
de estamines suíças**

**Damascos, Veludos  
e Cretones**

## **Segurem os seus atletas**

**contra "Acidentes Pessoais"**

**na Companhia de Seguros**

## **A MUNDIAL**



**Largo do Chiado, 8**

**Telefone 2 0354**

**LISBOA**

**Agentes**

**para todo o País**

**Stadium**

**A Festa nas Salesias da "Mocidade Portuguesa" com futebol, atletismo e gymnastica**



**PINTO & AFONSO L. DA TUDO PARA AUTOMÓVEIS**



- Pneus — Camaras
- Baterias — Esponjas
- Camuças — Ferramentas
- Remendos a Fogo

Lâmpadas para automóveis — Óleos  
Masses consistentes — Valvulinas

**ACEITAMOS:**

BATERIAS para reconstruir  
e PNEUS para recauchutar

**38 e 40, RUA DO SACO  
AO CAMPO DE SANTANA  
TELEFONE 41579**

*Na festa da "Mocidade": 1 — Pancada Bravo, da Ala de Cascais, ganha os 150 metros; 2 — Aspecto da sessão das classes de gymnastica; 3 — As equipas do Ribatejo e do Algarve, que disputaram o jogo final do campeonato nacional da M. P., ganho pela primeira; Ciclistas portugueses em Espanha; 4 — Amândio Monteiro, José Ferreira, Henrique Ribeiro e Simões Alvaro partiram no domingo para uma digressão cicloturistica no percurso Lisboa-Madrid-Lisboa. A fotografia mostra-os no momento de partirem para Badajoz; No Operário Futebol Clube; 5 — Esta simpática e popular colectividade de desporto inaugurou no domingo a sua nova sede. O senhor Presidente da República fez-se representar pelo sr. capitão Carvalho Nunes, que se vê na gravura presidindo à sessão solene, no momento em que usa da palavra o dr. José Catarino, presidente da mesa da assembléa geral do Operário.*

**CONHEÇA A SUA TERRA...**

VIAJANDO NUMA  
**FLECHA**  
a bicicleta da actualidade

**A ILUMINANTE**

Avenida Almirante Reis, 6 — Largo do Intendente 11-17  
TELEFONES 461967 e 61146 LISBOA

**GIL  
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865  
Depositária das lentes "ZEISS"  
Binóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 140  
Telefone 22629 LISBOA